

CORREIO CULTURAL

Adriano Vizoni/Folhapress



Paul durante show da última turnê no Brasil

Conheça as canções que Paul McCartney mais tocou no Brasil

Não é preciso uma análise muito aprofundada da lista das músicas mais tocadas por Paul McCartney em seus shows no Brasil, desde 1990, para perceber a predominância de canções da fase madura dos Beatles e do início da nova jornada do artista após a separação da banda.

Com a apresentação em Flo-

rianópolis no último sábado (19), Paul completou 40 apresentações solo no país. Entre as 20 músicas no topo da lista, 13 foram lançadas entre 1968 e 1970.

Dessas, apenas uma, “Maybe I’m Amazed”, é de sua carreira solo. É uma das faixas de sua estreia sozinho no excelente álbum “McCartney”, de 1970.

Ringo country

Falando em Beatles, Ringo Starr vai lançar um novo álbum de música country, “Look Up” em janeiro. Serão 11 canções inéditas gravadas em Nashville, a capital do country, e Los Angeles. O single “Time On My Hands” chegou ao streaming.

Feira de arte

A Ava Galleria (Finlândia) promove exposição com artistas brasileiros e finlandeses na International Art Fair Carrousel du Louvre, evento que reúne em Paris cerca de 5 mil mil artistas plásticos de vários países. A curadoria é de Edson Cardoso.

Ringo country II

O amor do músico pelo country tem sido evidente ao longo de sua carreira. Ele tocou e compôs várias músicas country e com toques country durante seus anos com os Beatles e gravou em 1970 o álbum “Beaucoups of Blues”, seu trabalho solo.

Arte periférica

Em cartaz no Sesc São Gonçalo, a exposição “O Meu Lugar” traz a ressignificação do subúrbio carioca, da Baixada Fluminense e outras regiões periféricas através da obra nove artistas visuais. A curadoria é da dupla Julia Baker e Rafael Amorim.



Carminho no estúdio Eletrical Audio, em Chicago, onde gravou seu mais novo EP. As quatro faixas do trabalho foram gravadas no mesmo dia

Os sentimentos que transbordam a cada faixa

O EP “Carminho at Eletrical Studio” traz ainda três canções de autoria da própria artista. São elas “Deixei a Casa”, “Não Olhes nos Meus Olhos” e “Gota de Água” (esta última em parceria com António Gedeão). Os sentimentos transbordam em versos como “Eu, quando choro, não choro eu / Chora aquilo que nos homens / em todo o tempo sofreu / As lágrimas são minhas / mas o choro não é meu”, diz, por exemplo, a letra de “Gota de Água”.

Expoente do fado contemporâneo, Carminho conquista o ouvinte com sua voz envolvente e músicas de natureza emotiva. O seu trabalho reforça a ligação de duas culturas que se entrelaçam há mais de 500 anos, não apenas pelo idioma, mas por sentimentos em comum.

Filha da também fadista Te-

resa Siqueira, a cantora de 40 anos é uma das responsáveis por trazer um frescor ao gênero desde o final dos anos 2000.

Carminho tem uma relação de longa data com o Brasil. Ela conta que veio ao país pela primeira vez em 2003, aos 19 anos, de navio. Em quase duas décadas de carreira, lançou seis álbuns de estúdio e gravou ao lado de nomes como Chico Buarque, Marisa Monte e Milton Nascimento.

Em 2016, a fadista recebeu um convite da família Jobim para gravar “Carminho canta Tom Jobim”, com a banda que acompanhou o maestro nos seus últimos 10 anos de vida. Já o álbum “Portuguesa”, de 2023, incluiu parceria dela com o ex-Los Hermanos Marcelo Camelo (que hoje vivem em Portugal) em “Levo o Meu Barco no Mar”.

O novo EP foi gravado em outubro de 2023, num dia de folga

da cantora durante sua turnê pelos Estados Unidos. Ela já conhecia Steve Albini como produtor de Nirvana, Pixies e PJ Harvey, entre outros artistas. Nas palavras de Carminho, Albini explorou o “lado punk” de sua personalidade musical. Os músicos de sua banda tocaram instrumentos como melotron, lap steel e guitarra elétrica (que a fadista já tinha incorporado ao álbum “Portuguesa”).

“A magia musical do Albini permeia este EP. Ele soube captar a intimidade e o nosso momento no estúdio, como se estivéssemos cantando numa casa de fados. Houve uma forte empatia entre nós. Ele compreendeu a musicalidade do fado, mesmo sem nunca ter gravado algo do gênero. Soube capturar os timbres e a sonoridade de cada instrumento. Isso gerou uma dinâmica muito boa entre os músicos no estúdio”, lembra Carminho.